



«PORTUGAL TEM DE OPTAR PELA PRODUÇÃO DE QUALIDADE E NÃO EM QUANTIDADE»

Já existem cerca de 16 mil produtores em agricultura biológica no nosso país, triplicando os valores de 2020. Jaime Ferreira, presidente da AgroBio – Associação Portuguesa de Agricultura Biológica, não tem dúvidas de que estamos perante um sector em franca ascensão, mas defende que o potencial de crescimento não pode ser travado por falta de visão.

Ana Gomes Oliveira

Os dados mais recentes divulgados pelo Observatório Nacional de Produção Biológica dão conta de um incremento significativo no sector, tanto em operadores, como em área [ver gráficos]. Que comentário faz a estes resultados?

Tínhamos registado um grande incremento em 2021, decorrente das medidas de apoio que já não abriam há cinco anos. Surgiram já com o Programa Next Generation e a verdade é que nesse ano a área de produção dobrou, bem como o número de operadores. Ou seja, o interesse existe, haja apoios! De 2020 a 2023 aumentámos 340 mil hectares, havendo também a destacar a mudança no tipo de área. Agora temos uma

grande área em conversão, que passa de 50 mil em 2020 para 400 mil em 2023. Estamos perante um indicador de potencial crescimento. Os produtos provenientes dessas áreas só são considerados biológicos no último ano de conversão, ou seja, dentro de dois ou três anos é expectável termos uma boa quantidade de produtos biológicos no mercado. O potencial está cá. Mas é preciso consolidar os números.

O que é preciso para essa consolidação?

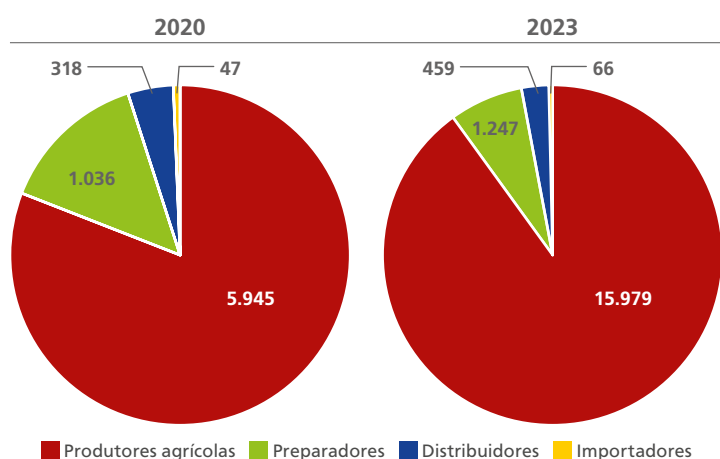
Entre outras coisas, informação, formação e assistência técnica. Tudo isto se baseia também no mercado. Se este continuar a ser favorável e se as pessoas quiserem consumir produ-

tos biológicos a tendência será sempre a de aumentar estes números. Mas faltam ainda dados importantes. Não sabemos o valor da produção, os números das toneladas por hectare, não temos o valor global de toneladas produzidas, não sabemos quanto vale esta agricultura, nem o consumo *per capita* e isso era fundamental, até para entender que direcção seguir. Um agricultor biológico que se pretenda instalar, deve pensar como vai vender os seus produtos, que tipo de produtos o mercado quer e quem vai consumi-los. Não faz sentido de outra maneira. Se queremos estar no mercado, temos de saber o que os consumidores pretendem. E o que se verifica é que ainda há um desajuste entre o que se oferece e o que se procura. Temos ainda 70% da área em forragens, pastagens e culturas arvenses, dirigido à produção animal (que também é precisa), mas tendo em conta alguns trabalhos sobre consumo, fica patente a tendência de uma clara preferência por frutas, legumes, leguminosas ou frutos secos biológicos.

Qual será neste momento o modelo ideal para quem se instala?

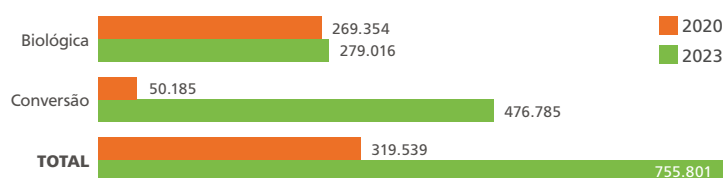
Não defendemos que o agricultor tenha apenas uma cultura, mas sim várias. Além dos princípios da agricultura biológica defenderem essa diversidade, entendemos que é importante para a sustentabilidade económica, pois tendo uma monocultura os riscos são maiores. A multifuncionalidade é outra vertente que defendemos. A produção agrícola pode complementar-se com um espaço de recreio, de turismo, cultural, de capacitação, de visitação. As explorações agrícolas que escolhem este caminho são mais viáveis, sustentáveis economicamente. Este é o modelo ideal.

Número de operadores



Fonte: Observatório Nacional da Produção Biológica

Área de produção (ha)



Fonte: Observatório Nacional da Produção Biológica



AGRIPRO

acrescentamos valor às suas culturas

GAMA RESÍDUO ZERO



A Agripro dispõe de um catálogo com diversas soluções resíduo zero adaptadas à sua cultura.

CONTACTE-NOS PARA MAIS INFORMAÇÃO



INDICADO RESÍDUO ZERO
AGRICULTURA BIOLÓGICA

CONTACTE O SEU TÉCNICO

262 690 210
agripro@agripro.pt
www.agripro.pt



BIAGRO



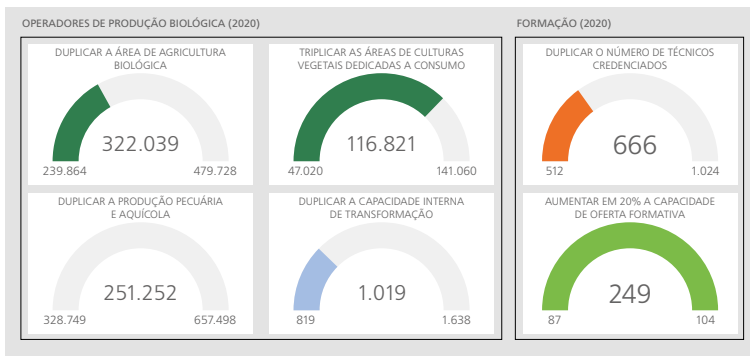
kimatec



vitaterra

Mistral Fertilizers Group

Metas da Estratégia Nacional (2017-2027)



E qual a grande dificuldade para quem se inicia?

A parte mais difícil é o da conversão, que inclui o tempo de adaptação ao novo modo... e às produtividades mais baixas. Daí a importância dos apoios a quem se instala, porque há efectivamente uma baixa de produção na fase inicial. Sabemos que agricultores bem capacitados e com experiência conseguem produtividades semelhantes às alcançadas no modo convencional em determinadas culturas. Mas a verdade é que também não consideramos importante obter o máximo da planta, pode passar até por uma produção mais baixa, mas em que o produto esteja mais valorizado. Defendemos outra abordagem, com uma melhor qualidade do produto, onde o consumidor reconheça essa qualidade e esteja disposto a pagar mais por isso. No final, pode-se ganhar mais do que outro que produziu em grande quantidade.

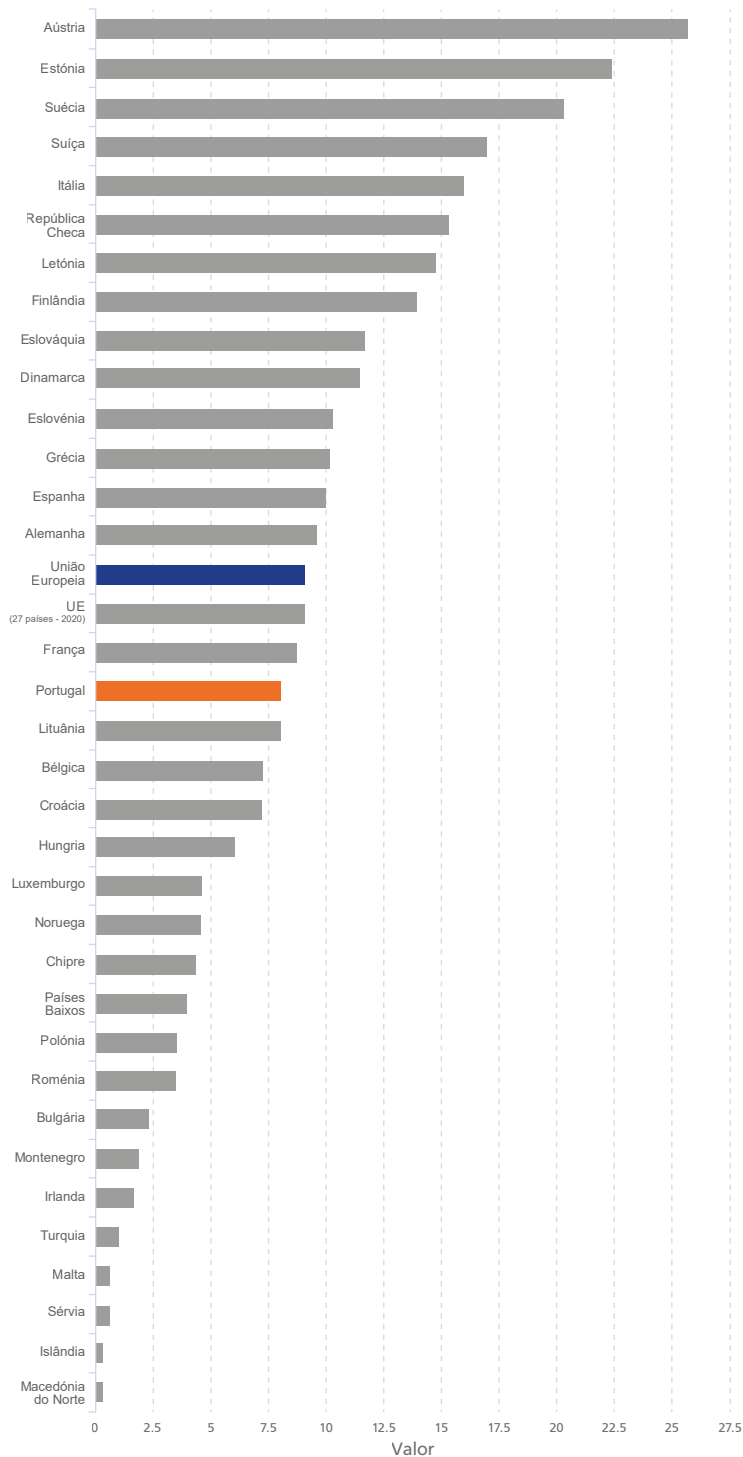
Entendem que esse é o caminho?

Sem dúvida. Portugal tem uma escolha que já devia ter feito há muito tempo, que é pelas produções de qualidade e não pela quantidade. Sigam os exemplos de outros países, que em muitos aspectos até têm condições mais difíceis do que a nossa. A Áustria, que é um país à nossa dimensão em termos territoriais, mas bastante montanhoso e com anos agrónomicos complicadíssimos, decidiu há vários anos que tem de ir para os produtos de qualidade e essa aposta já a presenciei por várias vezes. Hoje, a Áustria tem 30% de área em agricultura biológica. Em Portugal há espaço para todos os tipos de agricultura, mas não deve haver espaço para a insustentabilidade, o prejudicar a saúde das pessoas, poluir o ambiente de forma irreversível ou com grandes impactos. Posso dar um exemplo, o DDT [diclorodifeniltricloroetano, pesticida] foi usado em Portugal até 1986 e ainda hoje, na água, no peixe, se encontram vestígios desse produto. Aquilo que fizermos hoje tem consequências no futuro.

São precisas medidas imediatas?

Não se podem estar a adiar tomadas de decisão. Temos uma meta muito grande, no âmbito da estratégia europeia, que é reduzir em 50% o uso de pesticidas. São precisas medidas concretas para esta transformação. Se a tecnologia serve para umas coisas, também tem de servir para encontrar novas soluções para tratar pragas e doenças. E muitas vezes es-

Portugal na Europa: Área de Agricultura Biológica (%)



Fonte: Eurostat

sas soluções estão mais próximas do que imaginamos. Espero que com a Agenda para a Inovação voltem a instalar-se em Portugal campos de demonstração, que se volte a fazer experimentação.

Que pilares elencaria como fundamentais para o sucesso da agricultura biológica?

Há quatro aspectos importantes, alguns dos quais já referi. A primeira passa pela informação, não apenas ao consumidor, mas a quem trabalha na agricultura; depois a formação, que

humistar[®] humistar WG[®]



ÁCIDOS HÚMICOS E FÚLVICOS PROVENIENTES DE LEONARDITE AMERICANA

A IMPORTÂNCIA DA ORIGEM SER LEONARDITE AMERICANA

- . Maior relação **ácidos húmicos: ácidos fúlvicos**
- . Maior qualidade dos ácidos húmicos
- . Ação mais duradoura no solo

Propriedades dos ácidos fúlvicos e húmicos no sistema solo-planta

PROPRIEDADE	ÁCIDOS FÚLVICOS	ÁCIDOS HÚMICOS
Tamanho molecular	••	••••
Melhora a estrutura do solo	•	••••
Persistência no solo e resistência à lixiviação	•	••••
Resiste à degradação	••	••••
Acelera o processo de crescimento na planta	••••	•
Capacidade de Troca catiónica	••	••••
Melhora a absorção de nutrientes pelas plantas	••• (especialmente o Fósforo)	••••
Quelatação natural dos catiões	••••	••
Promove o crescimento radicular	•	••••

Um adequado equilíbrio de ambas frações no solo, favorecem na íntegra ao sistema através das suas propriedades complementares.

- ✓ Composto por substâncias húmicas provenientes da Leonardite americana
- ✓ Melhora as características, físicas, químicas e biológicas do solo
- ✓ Aumenta a Capacidade de Troca Catiónica do solo
- ✓ Melhora a estrutura do solo
- ✓ Reduz as perdas dos fertilizantes pelo solo
- ✓ Aumenta a eficiência da absorção do fósforo, potássio e micronutrientes do solo



Contactos
Avenida do Rio Tejo - Herdade das Praias
2910-440 SETÚBAL, PORTUGAL
www.tradecorp.pt
Tradecorp Portugal - LinkedIn





ainda é muito escassa. Falando de ensino superior, só existem dois sítios com Agricultura Biológica: a Escola Superior Agrária de Coimbra, com licenciatura e mestrado, e a Escola Superior Agrária de Ponte de Lima, com mestrado; há depois cursos técnicos. Mas é muito pouco. Temos também de falar da capacitação técnica de quem está no Ministério da Agricultura. Fico espantado com coisas que se dizem. Como é que um técnico do Governo avalia um projecto de investimento não percebendo nada de agricultura biológica? Lembro que na Estratégia Nacional para a Agricultura Biológica 2017-2027, está lá, a capacitação dos próprios técnicos do Ministério. Fez-se no início uma pequena formação de um dia no INIAV, mas ficou por aí. Tem de haver mais preparação, ainda para mais agora que vamos entrar num novo quadro comunitário com novas responsabilidades. Outro ponto é a assistência técnica aos produtores, que não têm a quem recorrer quando têm dificuldades. A assistência devia ser financiada, como já indicámos para o PEPAC. E, por último, a criação do mercado. Criar ferramentas, oportunidades, para que se desenvolva o mercado dos produtos biológicos.

Como está o mercado actual?

Hoje, um agricultor, se for médio ou pequeno, tem muita dificuldade em colocar produtos no mercado. Os grandes comercializadores de produtos alimentares são as grandes superfícies, onde é difícil chegar, a não ser que se faça parte de uma Organização de Produtores. Não estou a dizer que os produtos bio não devem estar nas grandes superfícies, mas tem de haver outros modelos de comercialização. O mercado actual dos produtos biológicos começa a ficar cada vez mais afunilado para esse canal. Mas só os grandes produtores conseguem lá chegar, e estaremos a falar de mais de mil pontos de venda.

Como caracteriza o tecido da produção?

Em média, a exploração em agricultura biológica é maior do

que no convencional, são cerca de 25 hectares, o que deita por terra aquela ideia que se tem de que a agricultura biológica é apenas feita de pequenos produtores que têm umas hortas. Temos de tudo. E foi por isso que propusemos um novo modelo de organizações de produtores (e que no ano passado foi finalmente aprovado), a organização de produtores multiproduto, que pode ser feita dentro de uma cooperativa, ou agrupamento... há várias possibilidades. A vantagem é que bastam cinco produtores ou empresas para formar essa organização e comercializar todo o tipo de produtos. Uma ferramenta que pode potenciar novos modelos de comercialização. Por que não as cooperativas começarem a criar as suas próprias lojas para venderem directamente ao consumidor e não depender de intermediários?

Falando em comercialização, qual tem sido o comportamento dos preços?

Nesta fase que tem a ver com a guerra, e muito pressionados pela inflação, o consumo de produtos alimentares baixou. As pessoas estão mais criteriosas nas compras e o factor preço tem mais peso nas escolhas. Temos a informação de que 40% do que se vende numa grande superfície já é de marca própria. Ou seja, o consumidor escolhe pelo preço. O que tem acontecido é que há uma diminuição da quantidade de produtos biológicos vendidos, mas o valor não baixou, apenas não subiu na mesma escala que subiram os preços dos produtos convencionais. Isso fez com que o preço de alguns produtos biológicos se aproximasse dos convencionais. Não posso concordar com alguma especulação de preços que ainda existe. Se queremos alargar o consumo, os produtos bio são para todos.

Que outros factores podem ajudar a que o biológico chegue a mais pessoas?

Consegue-se com a educação para a alimentação, que não existe. Há muito trabalho que pode ser feito nas escolas. Avançámos com alguns projectos neste âmbito. Vamos iniciar um com o ensino básico da freguesia do Lumiar que prevê a criação de hortas nas escolas que serão usadas nas diferentes disciplinas, seja a matemática para medir áreas, ou para identificação de insectos e outras vertentes. Penso que futuramente também temos de rever outra questão, que é o da contaminação por parte de terrenos adjacentes que trabalham em convencional. Há várias formas de abordar o assunto. Se localmente houver capacidade associativa – e referindo-me a propriedades de maior dimensão –, pode-se chegar a um entendimento e criar-se uma margem, um espaço de segurança entre as diversas propriedades para que as que trabalham em modo biológico não sejam afectadas pelas pulverizações das terras vizinhas. Isso já se faz na Alemanha.

A agroindústria continua à procura de matérias-primas?

Sim. Em Portugal, o agroalimentar quer cada vez mais trabalhar com o biológico. Temos uma parceria com a Portugal Foods na realização da feira Organic Food Iberia, que recebe sobretudo empresas transformadoras. Mesmo na Agrobio somos cada vez mais consultados pela indústria, que para continuar a crescer inclui produtos biológicos no seu portefólio. Mas ainda há falta de matérias-primas, ou seja, existe uma clara oportunidade para a produção primária de poder fazer parcerias com a indústria.

Como estão os processos de certificação?

Normalmente, a certificação é apontada como uma dificuldade ou como um custo acrescido. A nova legislação que entrou em vigor em Janeiro de 2022 vem facilitar bastante os processos, ao permitir a criação de grupos de certificação. Produtores “vizinhos” podem pedir a certificação em conjunto, o que representa menos burocracia e custos mais baixos, uma vez que ao invés de cada produtor entrar com o seu processo individualmente, fazem-no em conjunto e todos obtêm a certificação. É um modelo que já existia noutros países e que beneficia muito os pequenos produtores.

Referia-se há pouco à Organic Food Iberia. A presença em feiras do sector continua a ser importante?

A promoção internacional faz todo o sentido, mas os apoios para a nossa presença em feiras têm sido dispersos, pouco organizados. Esperemos que no novo quadro comunitário voltemos a ter ajudas para irmos a esses pontos de encontro do mercado global. Estamos empenhados em tentar que no futuro consigamos organizar-nos para termos uma presença comum nesses espaços internacionais, para ganharmos força e visibilidade. Em 2022 fizemos uma candidatura no âmbito dos fundos da promoção e divulgação dos produtos de qualidade, em parceria com a Ecovalia (a maior organização em Espanha para a agricultura biológica), e teremos oportunidade de ir a feiras no âmbito desse projecto ao qual chamámos de Organic Food for Future. Arrançou em Fevereiro e tem a duração por três anos. Além da presença em feiras, estão previstas outras acções, nomeadamente de sensibilização, onde falaremos também do logotipo de certificação europeia. Queremos chegar, não só ao consumidor, mas também aos produtores. Por outro lado, a Agrobio tem estado a estabelecer protocolos com associações e cooperativas para que desenvolvam este modo de produção localmente. Paralelamente, vamos também organizar jornadas técnicas, onde os agentes de cada região poderão levantar os problemas deste sector. No final sairá um documento que faremos chegar ao Governo. Há muito trabalho pela frente. Há sempre etapas para vencer, mas nada é impossível na agricultura biológica. ●



Objetivo Europeu
Estratégia do Prado ao Prato:

Agricultura Biológica

=

25% de toda a agricultura da U.E.
até 2030!

NOVA EDIÇÃO

já disponível

Formato digital ou papel

WWW.AGROSANUS.PT

